



Letras  
Ambientais

## Vidas Secas, 80 anos: 7 lições que continuam atuais

---

Por Letras Ambientais  
terça, 18 de setembro de 2018



Você já ouviu falar em **refugiados ambientais**? O termo é utilizado para se referir às pessoas que fogem de onde vivem, em razão de problemas ambientais.

A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que, **até 2020, cerca de 50 milhões de pessoas devam migrar de seus lares por causa da seca**, erosão dos solos, desertificação, inundações, desmatamento, mudanças climáticas e outros problemas ambientais.

A migração causada por eventos climáticos não é nova, mas **deve se intensificar com as mudanças climáticas**. Esse processo irá afetar as plantações e aumentar os preços dos alimentos, intensificando a fome e atingindo diretamente as populações mais pobres.

Seca, fome, migração. O tema é bastante atual. Mas **há 80 anos, na obra *Vidas Secas*, o escritor Graciliano Ramos já tratava**, embora com outras palavras, dos refugiados do clima do Semiárido brasileiro.

>> **Leia também:** [Celso Furtado, 100 anos: legado para um novo projeto de País](#)

### ***Vidas secas* aborda refugiados da seca no Nordeste brasileiro**



Vaqueiro em atividade pecuária no Semiárido brasileiro.

O romance *Vidas Secas*, considerado um clássico da literatura brasileira, foi publicado em março de 1938. Conta a estória de uma família do Nordeste brasileiro – formada pelo casal Fabiano e sinha Vitória, juntamente com os dois filhos, a cachorra Baleia e o papagaio – que **migra da Caatinga para fugir das consequências da seca.**

A obra foi ambientada na Caatinga, mas sua universalidade é incontestável, por **tratar de temas contemporâneos e cada vez mais comuns a diversos países**, especialmente aqueles considerados em desenvolvimento.

Fabiano é um **vaqueiro típico do sertão**, sem-terra e sem teto, que trabalha para um “patrão”, o “dono da fazenda” para, em troca, ter onde morar e garantir minimamente a subsistência da família, mesmo passando por várias humilhações.

Mas **a seca desestrutura a frágil estabilidade da família naquele lugar**, pois o “patrão” vai morar na cidade e fecha as porteiras da fazenda, restando à família apenas “fugir” da seca.

A família migra em direção ao Sul, em busca do sonho de melhores condições de vida em outras terras, da **oportunidade de cuidar da educação dos filhos**, em uma “terra desconhecida e civilizada”.

Mas o caminho da Caatinga, duramente percorrido pela família, é **marcado por muitas privações, como fome, sede, cansaço e sofrimento**. Alcançar o lugar dos sonhos parece um destino cada vez mais distante.

Transcorridas todas essas décadas de publicação da obra *Vidas Secas*, o impacto da sua leitura permanece atual, firme e intacto. **Várias lições podem ser retiradas da obra para o Semiárido brasileiro dos dias atuais**. Neste post, são listadas as 7 lições que *Vidas Secas* pode trazer para um Semiárido mais sustentável.

>> **Leia também:** [Mudanças climáticas: 10 impactos sobre a Caatinga](#)

## **1) É possível viver no Semiárido com estabilidade**



Família de sinha Vitória indo para a novena de Natal. Fonte: Filme "Vidas Secas".

*Vidas Secas* não é um romance de seca. A centralidade do romance está em um “ano bom”, ou seja, **um ano de chuvas na Caatinga**. Tanto é que o sétimo capítulo, localizado bem no centro da obra, composta por 13 capítulos, é intitulado “Inverno”, remetendo ao período de chuvas na região. Essa visão contraria certa leitura superficial da obra.

O narrador de *Vidas Secas* situa o período de chuvas, entre dois momentos de seca: o primeiro período de seca ocorre logo **no início do romance, quando os sertanejos migrantes chegaram à fazenda**, sob a condição de “retirantes”, “famintos” e “cansados”, em fins de uma longa estiagem.

O segundo momento de seca é no desfecho da obra – **quando novamente fugiram da fazenda, diante da volta da seca**. Em todo o desenrolar da trama, a seca aparece mais como um lugar de memória para os personagens de *Vidas Secas* e como lembrança dos sofrimentos passados.

A chegada das chuvas à Caatinga trouxe alegria à Fabiano. Ele passou a **arquitetar sonhos de que seriam “todos felizes”**, a “fazenda renasceria” e ele seria o “dono

daquele mundo”.

Assim, **a família poderia ter privilégios possíveis apenas nos “anos bons”**: tratar da educação dos filhos, dispor de fartura de alimentos e comprar roupas novas para frequentar a festa de Natal na cidade.

Graciliano Ramos acreditava em um mundo com mais justiça social e menos desigualdades no Nordeste, sendo necessário, para isso, haver **transformação no modelo de sociedade extremamente perverso que caracterizava as relações sociais no meio rural**.

Ao mostrar a vida da família durante um ano de “inverno”, com relativa segurança e estabilidade, o escritor alagoano **questionou as relações sociais excludentes e tensivas** que impediam a essa família de sertanejos viver com mais estabilidade no Nordeste brasileiro.

>> **Leia também:** [Semiárido brasileiro: por que a seca ainda é um desastre?](#)

## 2) Acesso à terra para produzir é fundamental



Lajedo do Paí Mateus, em Cabaceiras (PB), área mais seca do Brasil.

***Vidas Secas* é uma contundente crítica ao grande latifúndio, ao coronelismo,** representado pelo “patrão” ou “dono da fazenda”, que humilhava e extorquia Fabiano, impedindo que ele saísse do ciclo de opressão sob o qual vivia.

Na obra, quando a família ocupou uma fazenda abandonada, no fim de uma seca, o vaqueiro parecia satisfeito. Mas suas esperanças esmoreceram, pois **as chuvas vieram e com ela também o proprietário da fazenda**, sob o domínio do qual o vaqueiro passou a viver, sendo humilhado, enganado, animalizado.

Somente com muita insistência, **Fabiano conseguiu ficar trabalhando ali como vaqueiro**. Moraria com a família pouco “mais de um ano” numa “casa velha” da fazenda.

Para o escritor de *Vidas Secas*, a opressão à família de Fabiano **era causada por questões sociais, não pela seca**. Caso tivesse acesso à terra e à água, a família conseguiria obter o sustento, como resultado do seu esforço e trabalho.

A condição climática natural da **Caatinga era instrumentalizada pelos latifundiários** para a exploração de uma população extremamente vulnerável à seca, como era o caso da família de Fabiano e sinha Vitória.

Uma abordagem magistral desse assunto foi feita por **Celso Furtado**, em seu livro clássico "Formação Econômica do Brasil", publicado em 1958. Segundo o economista, o problema do subdesenvolvimento no Nordeste é, antes de tudo, uma questão política. Para mais informações, leia [este post](#).

A **concentração fundiária** era, e continua sendo, uma das formas mais perversas de impedir a autonomia dos pequenos produtores rurais do Semiárido brasileiro.

>> **Leia também:** [Mudanças climáticas podem trazer de volta megassecas históricas](#)

O romance denuncia a **realidade social dos sertanejos pobres** que viviam no Nordeste da época, cujo cotidiano era marcado pela opressão, humilhação, miséria, espoliação econômica e extremas privações, sobretudo nos períodos de seca.

A crítica incide, em especial, para a necessidade de transformação da vida no campo, onde **a maioria da população pobre vivia em condições miseráveis**, sob o poder de mando dos grandes latifundiários, e sem acesso à propriedade da terra, concentrada nas mãos de poucos privilegiados.

No Brasil, inclusive no Nordeste, **ainda é adotado um modelo de desenvolvimento excludente**, e milhares de trabalhadores continuam sem acesso à terra, à água e à floresta. Conflitos agrários têm sido comuns, com situações de violência às famílias, diante do latifúndio, do agronegócio, da mineração e de grandes obras de infraestrutura.

Por outro lado, experiências mostram que **o acesso à terra, com apoio da extensão rural, pode favorecer a autonomia dos produtores** e melhores condições de vida.

### 3) A migração é uma fuga evitável



Aves migratórias fogem do Semiárido durante as secas.

Em *Vidas Secas*, a migração da família de Fabiano e sinha Vitória é comparada às revoadas das aves de arribação, pássaros migratórios, da espécie *Zenaida auriculata* Noronha, que deixam o Semiárido, em bandos, com a chegada da seca.

Para Fabiano, as aves eram “excomungadas”, “pestes”, “miseráveis”, por descerem ao sertão para anunciar-lhe “desgraças” e “destruição”, que a seca em breve chegaria e

seria necessário “fugir de novo, aboletar-se noutra lugar, recomeçar a vida”.

Inicialmente, a obra *Vidas Secas* seria intitulada de “**Um mundo coberto de penas**”, demonstrando o espanto da crítica do escritor com aquela situação de penúria no Nordeste.

A expressão remete à ideia de que tanto humanos quanto pássaros, **com a chegada da seca**, alçariam voos em busca da liberdade, deixando apenas suas “penas”, seus rastros e suas marcas impressos na paisagem da Caatinga.

Os grandes fazendeiros do Nordeste eram **favorecidos, de diversas maneiras, pela seca**, ora recebendo as benesses do governo para “socorrer” os “flagelados”, na prática, desviadas para causas particulares, ora subordinando os sertanejos mantidos em seus domínios, em situação de dependência, como o fazia com a família de Fabiano, em *Vidas Secas*.

**As políticas para as secas não chegavam à população vulnerável, realmente necessitada de auxílio**, como demonstra o estudo inédito publicado no [Livro "Um século de secas"](#). Por essa razão, com a chegada da seca, não restava alternativa a esses pequenos produtores que não fosse migrar, fugir em busca da mítica “terra distante”, uma “cidade grande, cheia de pessoas fortes”.

**A história das políticas para as secas no Semiárido brasileiro**, no passado e no presente, foi analisada na obra [“Um século de secas”](#), publicada pela Editora Chiado (Portugal). Para adquirir a obra, [clique aqui](#).

**A “fuga” da família de *Vidas Secas* era uma decisão recorrente no interior do Nordeste da época**, durante os períodos de seca, embora o desejo dos sertanejos fosse permanecer em sua terra. A decisão de migrar resultava do desespero diante da seca, da pobreza, da miséria, da fome e da ignorância.

A população pobre do interior do Nordeste, **tornava-se ainda mais vulnerável com a chegada da seca**, pois estava inserida em um meio político e social hostil, no interior de uma estrutura concentrada de poder e de um regime de produção excludente.

Era o caso da família de Fabiano e sinha Vitória, protagonista de *Vidas Secas*, situada pelo narrador na fronteira da animalização, **subjugado por um sistema que ameaçava sonegar-lhe a própria condição humana**.

A contundência dessa crítica, apresentada em *Vidas Secas*, resulta do **posicionamento crítico de Graciliano Ramos**, em relação a um dos polos político-ideológicos do seu tempo, a saber, sua simpatia pelo comunismo.

Ele denunciava as **relações sociais de opressão e de injustiça**, ainda predominantes no meio rural brasileiro, especialmente na região Nordeste, no momento em que o Sul caminhava para a industrialização e urbanização.

O escritor acreditava na possibilidade de **um País e um Nordeste mais prósperos**, caso houvesse transformação em sua estrutura social, promovendo mais igualdade e justiça social, menos fome, pobreza e espoliação econômica.

Somente dessa forma, a migração seria um desespero evitável, caso todos tivessem **acesso à terra e aos meios necessários para trabalhar** e garantir sua autonomia. Em outras palavras, não eram as secas, mas as cercas (da terra, da água, da caatinga, da produção de alimentos etc.), responsáveis pela migração das famílias nordestinas.

>> **Leia também:** [Resenha do Livro "Um século de secas no Semiárido brasileiro"](#)

A obra *Vidas Secas* mostra que nos períodos de chuvas, os mesmos problemas sociais permaneciam no Nordeste, **mas era durante as secas que vinham à tona e se tornavam insuportáveis**, sendo necessário às famílias abandonarem a terra.

A migração já foi prática muito comum no Nordeste, em vários momentos históricos, como na década de 1930, quando *Vidas Secas* foi escrita, e **os sertanejos partiam em busca de trabalho no Sudeste do Brasil**.

Nas últimas décadas, dados mostram a redução da migração no Nordeste, provavelmente em decorrência de programas sociais de acesso à água e alimentos. Todavia, **a progressiva desertificação dos solos do Semiárido brasileiro poderá impulsionar cada vez mais pessoas a deixarem a zona rural**, em função da perda da produtividade das suas terras.

#### **4) A fome no Semiárido é inaceitável**



Merenda escolar: única refeição completa para muitas crianças brasileiras.

Em 2014, **o Brasil saiu do Mapa Mundial da Fome**, de acordo com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). No mesmo ano, o Brasil atingiu o menor índice de pessoas em situação de extrema pobreza, desde 1992, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

Porém, a **crise econômica e o desemprego no País**, bem como os cortes nos benefícios sociais, como o Bolsa Família, aumentaram o risco de o Brasil voltar a figurar no Mapa da Fome.

A situação é mais grave em regiões como o Semiárido brasileiro, por ter enfrentado recentemente a pior seca da sua história, **conhecida como a “Seca do Século” (2010-2017)**. Além disso, a região também é ameaçada pela desertificação, em função da grave deterioração dos solos produtivos. Esses temas foram aprofundados no Livro ["Um século de secas"](#).

Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, mostra a **estética da fome na região semiárida do Brasil**, com singular agudeza e dramaticidade.

O vaqueiro Fabiano, na obra, afirma que sempre tinha sido assim, “**anos bons misturados com anos ruins**”. Uma certeza que os personagens tinham é de que a seca logo voltaria, e com ela, lamentavelmente, esperavam a fome e as “desgraças”.

Aquela família, todavia, como tantas outras do Semiárido brasileiro, não precisaria passar sempre pela mesma situação. **Os gestores de políticas públicas poderiam contribuir para o preparo e a resiliência da população** no enfrentamento dos impactos da seca.

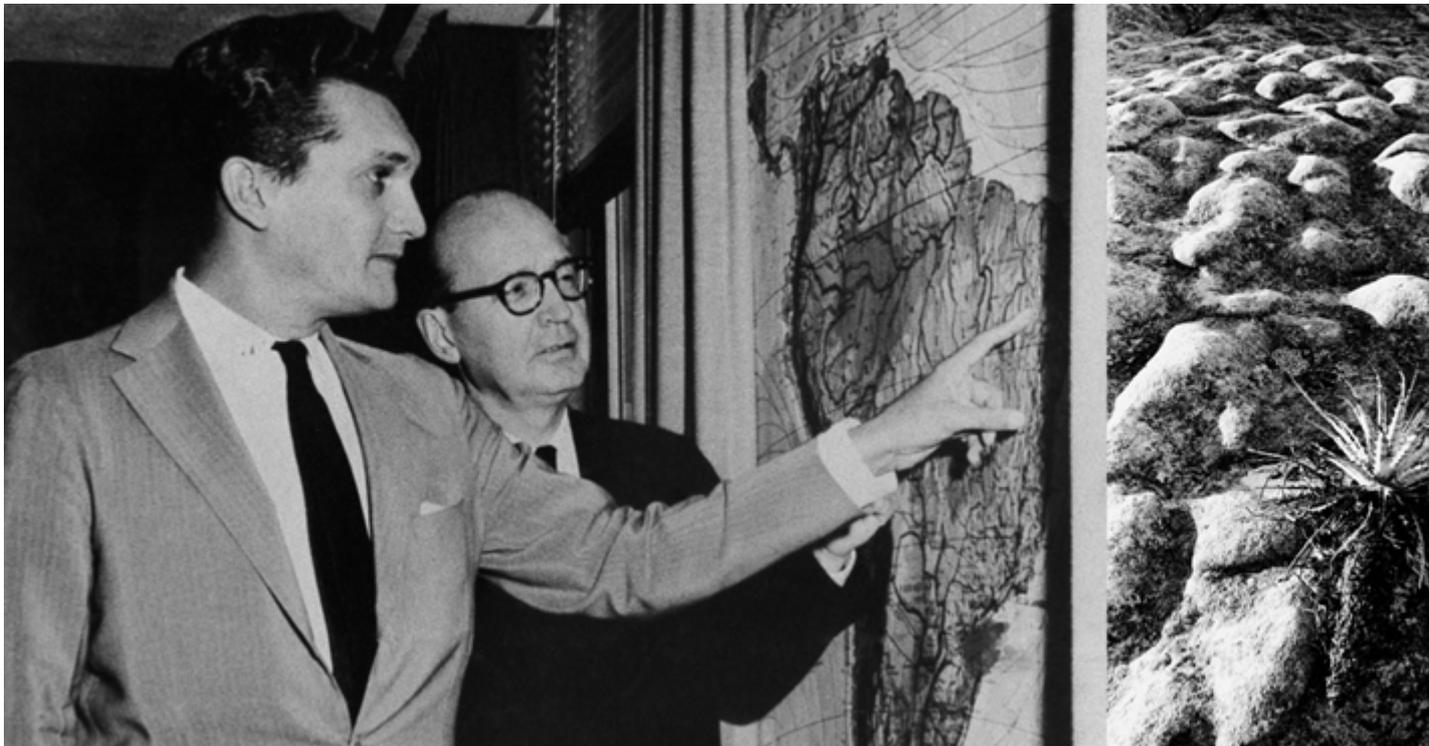
**A produção de alimentos e a estocagem de água é um dos meios** a contribuir para superar a repetição dos mesmos problemas sociais na região, como a fome, a sede e a desnutrição.

No Livro “[Um século de secas](#)”, os autores mostram como as recentes políticas públicas de acesso às tecnologias sociais trouxeram avanços significativos para o Semiárido brasileiro, em termos de segurança hídrica e alimentar.

Os autores ressaltam que, **para reduzir a fome, é necessária a universalização desses programas sociais**, visando atender às demandas da população. A volta da fome ao Semiárido brasileiro é inaceitável nos dias atuais, e uma melhor distribuição de renda é um dos caminhos para combatê-la.

>> **Leia também:** [Quanto custam as secas ao Brasil?](#)

## **5) Inserir o Semiárido em um projeto de País**



Celso Furtado desenvolveu um raro projeto de desenvolvimento para o Nordeste.

Para os protagonistas do romance, a seca era um “perigo”, uma “desgraça” que “estava em caminho”, “se avizinhando a galope, com vontade de matá-los”, “abrasava” os caminhos por onde andavam; era sinônimo de “fome”, “medo”, “castigo”, “sede”, “tormento”, “morte”, “miséria”; **era por causa dela que a Caatinga se transformava em um “cemitério”**.

Graciliano Ramos questionava o lugar ocupado pela população pobre do Nordeste, **no novo projeto de reestruturação que marcou o Brasil dos anos 1930**, denunciando as mazelas sociais do campo, no momento em que o País avançava para consolidar o seu projeto de urbanização e industrialização.

**Essa população pobre não fazia parte do novo projeto nacional.** Por essa razão, a família continuava dependente das perversas estruturas de poder na região e vulnerável à seca.

Como discutido no post [“O que os presidenciais têm a dizer sobre o Semiárido?”](#), na maioria dos projetos de governo, dos candidatos à presidência da República, nas eleições de 2018, **a região foi esquecida, continuando à margem de um projeto de desenvolvimento nacional.**

## **6) Educação para as crianças**



Filhos de Fabiano e sinha Vitória. Fonte: Filme "Vidas Secas".

A obra *Vidas Secas* mostra uma família sem identidade, sem destino e sem esperança. **Em particular, as crianças não tinham infância, não possuíam um nome**, sendo chamadas apenas de “menino mais velho” e “menino mais novo”. Até os animais, como é o caso da cachorra Baleia, possuíam um nome. As duas crianças vivenciaram os “horrores” da seca e da fome, ao migrarem pelo sertão.

O horizonte da família era “acanhado”. Em um período de relativa estabilidade, naquela fazenda, encontrada abandonada, no início das chuvas, **os pais pensaram que ali as crianças poderiam ser felizes**, aprendendo o mesmo ofício de vaqueiro, exercido pelo pai, sem nenhum tipo de instrução formal.

Foi na fazenda alheia que puderam pensar **“a respeito da educação dos meninos”**, um privilégio apenas dos anos “bons”.

Mas o sonho de sinhá Vitória e Fabiano era encontrar a cidade grande, onde os filhos pudessem frequentar escolas, “aprendendo coisas difíceis e necessárias”. **A família**

andava para o Sul, mas não sabia ao certo para onde iria.

## 7) Oportunidades para as mulheres do Semiárido



Sinha Vitória migra com a família pela Caatinga. Fonte: Filme "Vidas Secas".

Sinha Vitória, protagonista de *Vidas Secas*, utilizava várias estratégias para sobreviver à opressão e à miséria a que estava submetida com a família. **Em um contexto predominantemente patriarcal e coronelístico**, ela tomava decisões para reverter aquela realidade na qual viviam.

Sinha Vitoria era quem fazia as contas da partilha dos bezerros e cabritos, antes de Fabiano ir tratar do assunto com o patrão. **As contas do “dono da fazenda” eram diferentes e contra o vaqueiro.** Mas Fabiano sabia que sinha Vitória estava certa, mas resignava-se diante do patrão, ao ser ameaçado de despejo.

>> **Leia também:** [Mulheres da seca - uma nova economia na Caatinga?](#)

Uma mulher forte, movida pelo sonho de possuir uma cama de lastro de couro, e não mais dormir no desconforto de uma cama de varas. **Esse sonho era bem mais amplo.**

A metáfora significava a possibilidade de permanecer fixa à terra com a família.

Conquistar a cama, objeto de desejo de sinha Vitória, era ascender para uma condição de estabilidade, de segurança, de descanso, **da vontade de não mais necessitarem migrar**. Seria o fim daquela caminhada infrutífera sempre por terra alheia.

No seu sonho, não cabia só a cama de lastro de couro, mas **uma vida melhor para seus filhos**, quiçá em outro lugar, com escola e outras oportunidades para eles e para os filhos.

Essas são as principais lições deixadas pelo romance *Vidas Secas*, para um Semiárido mais justo, com menos vulnerabilidade social.

*E você, quais outras lições destacaria da obra Vidas Secas?*

**Seja um colaborador.** Quando você faz uma doação de qualquer valor, sua contribuição se transforma em dif

**Apoie o Letras Ambientais**

*\*Post atualizado em: 07.08.2020, às 14h40.*

## COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LETRAS AMBIENTAIS. [Título do artigo]. ISSN 2674-760X. Acessado em: [Data do acesso]. Disponível em: [Link do artigo].

Instituto



Quem somos

O Letras Ambientais é uma instituição privada, sem fins lucrativos. Seu objetivo é a defesa, preservação e conservação do meio ambiente.



Endereço para correspondência: Av. José Sampaio Luz, 1046, Sala 101 – Ponta Verde. Maceió (AL). CEP: 57035-260.

**Fone:** (82) 3023-3660

**E-mail:** [contato@letrasambientais.org.br](mailto:contato@letrasambientais.org.br)

**ISSN:** 2674-760X



Copyright © 2017-2022 Letras Ambientais | Todos os direitos reservados |